

UNIVERSIDADE CESUMAR UNICESUMAR
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA

**OS IMPACTOS DA TRANSIÇÃO DAS AULAS PRESENCIAIS PARA O MODO
REMOTO NO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA DOS DOCENTES**

LUIZ FELIPE AMORIM MACEDO

MARINGÁ – PR

2023

Luiz Felipe Amorim Macedo

**Os impactos da transição das aulas presenciais para o modo remoto no processo saúde-
doença dos docentes**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Medicina da Universidade Cesumar – UNICESUMAR como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Medicina, sob a orientação do Prof. Dr. Maria Fernanda Piffer Tomasi Baldez da Silva.

MARINGÁ – PR

2023

OS IMPACTOS DA TRANSIÇÃO DAS AULAS PRESENCIAIS PARA O MODO REMOTO NO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA DOS DOCENTES

Luiz Felipe Amorim Macedo

RESUMO

A pandemia do COVID-19 modificou grandemente as metodologias de ensino em todo o país, o que culminou na substituição do modelo das aulas presenciais para o modo remoto emergencial. Essa modificação rápida pode ter sido uma experiência causadora de malefícios no processo saúde-doença de seus profissionais, assim como é evidenciado pelo mal-estar docente (*malaise enseignant*). Este trabalho visou analisar os diversos impactos na saúde dos professores participantes de tal transição, considerando efeitos mentais, físicos e profissionais. Para isso, foi efetuada uma revisão literária, a qual perpassou o conceito de mal-estar docente, sua origem e ramificações, além da aplicação de um questionário, ora presencialmente ora via plataforma de Formulários do Google, para professores de duas instituições de ensino superior (IES), Universidade Cesumar (Maringá –PR) e Universidade do Oeste Paulista (Presidente Prudente –SP), escolhidos segundo o critério de ter obtido a experiência de trabalho tanto no modelo presencial quanto no remoto. Então, os dados foram analisados e tabulados por meio de estatística simples por Excel. Após análises dos resultados, comprovou-se que houve uma alteração no processo saúde-doença no que tange a sinais e sintomas como aumento do estresse, ansiedade, dores musculares, nas articulações e diminuição da acuidade da visão, além da diminuição da satisfação e qualidade laboral.

Palavras-chave: Professor. Mal-estar docente. Medicina do trabalho.

IMPACTS OF PRESENCIAL CLASSES TO REMOTE MODE TRANSITION IN TEACHERS HEALTH

ABSTRACT

Espaço de 1 linha (simples)

The COVID-19 pandemic changed extraordinarily the teaching methodologies in the whole wide country, which culminate in the substitution of presencial classes model to the remote emergencial model. This fast modification might have been an experience that brought harms in the health-disease process of some professionals, as evidenced by teacher malaise (*malaise enseignant*). This work aimed to analyze the severious impacts on teachers health who participate in that transition, considering mental, physics and professional effects. For this, the methodology involved was a literature review, in which perpassed teacher malaise concept, its origin and branches, besides a formulary application, presencial and digittaly by Google Forms platform, sent to teachers from two high education institution, Universidade Cesumar (Maringá –PR) and Universidade do Oeste Paulista (Presidente Prudente –SP), they were chosen by the criterion of have had working experience on presencial and remote emergencial model. Then,

these data were analyzed and tabulated by simple statistic on Excel. After analyzing results, it was proven a changing in health-disease process, regarding to signs and symptoms like stress increase, anxiety, muscle and articulation ache and vision acuity decrease, furthermore satisfaction and labor quality decrease.

Keywords: Teacher. Teacher malaise. Occupational medicine

1 INTRODUÇÃO

A expressão “mal-estar” docente é um conceito clássico compreendido como o produto permanente e de caráter negativo das condições psicológicas e sociais do ambiente profissional da docência (ESTEVE, 1999). Em consonância a isso, com o passar dos anos, tal atividade refletiu gradativamente em uma piora na saúde desses profissionais (FU et al., 2019). Excepcionalmente, no ano de 2020, o surgimento da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) agravou ainda mais a problemática. Medidas de proteção contra a disseminação viral tornaram-se necessárias, sobretudo o distanciamento e o isolamento social (AQUINO et al., 2020). Com isso, ocorreu a substituição do modelo de aula presencial para o remoto emergencial, cujas consequências impactaram, mais uma vez, o processo saúde-doença dos professores.

Complementarmente, mostraram-se como impasses a mudança repentina na dinâmica e didática de aula, problemas de conexão de rede de internet, deturpação do local de trabalho – de escolar para domiciliar -, dispêndio de mais horas em frente às telas e a ausência de preparação técnica para lidar com eletrônicos. Como consequência, o que se observou foi uma alteração na identidade social e pragmática do professor, eventos que deprivaram seu condicionamento (AQUINO et al., 2020).

No que tange à inserção dos computadores no contexto escolar, os professores enfrentam um cenário que trouxe aflições relacionadas ao significado do seu trabalho (SIBILIA e OLIVEIRA JÚNIOR, 2012). Neste momento, o professor é obrigado a reinventar a suas metodologias e reformular seus planos de aula, de acordo com a nova realidade, mesmo sem dominar circunspectamente a tecnologia usada, fato que beneficia aumento de estresse, ansiedade e preocupação. Obviamente, há um aumento do trabalho, uma dificuldade crescente que ratifica a posição dessa classe como uma das mais afetadas por problemas psicológicos e físicos, devidos à necessidade de suas ocupações (BERTOATE e MAILINAUSKIENE, 2012).

É importante ressaltar que os docentes sempre se caracterizaram como uma classe vulnerável diante da incidência de dores musculoesqueléticas, sendo tais distúrbios umas das mais prevalentes (SANCHEZ et al., 2013). No contexto de isolamento, essa realidade é propulsionada. Com a redução abrupta dos padrões de atividade física, haja vista a redução da necessidade de locomoção do profissional, há uma tendência à sarcopenia, evidenciada pelas dores musculares difusas (GADELHA e LIMA, 2020). Não obstante, a postura inadequada e a digitação exagerada em

eletrônicos podem levar a dores crônicas e, em alguns casos, até tendinites nos punhos e mãos (GUTERRES et al., 2017).

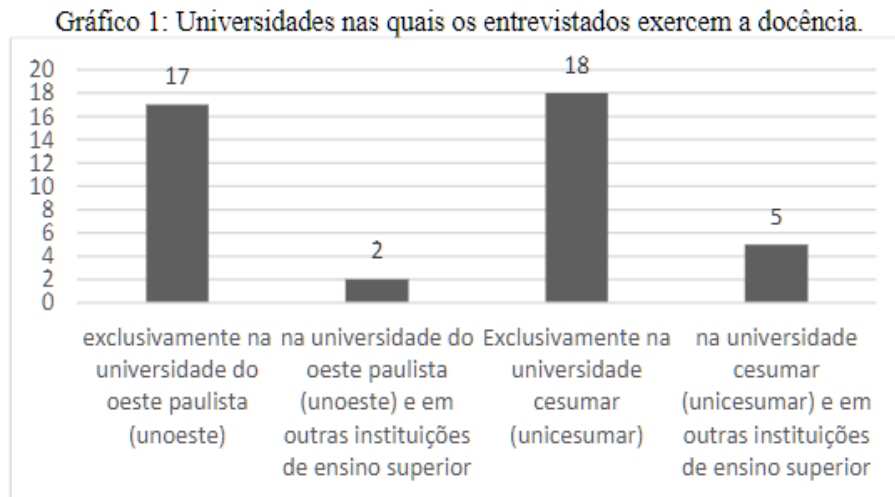
O período em frente às telas é outro problema presente na rotina remota, com tempo em frente a eletrônicos aumentado consideravelmente. Os sintomas mais frequentes, relatados por aqueles que usam computadores como ferramenta essencial em seu serviço, são “cansaço nas vistas no trabalho” (47,9%), “peso nos olhos” (38,3%) e “cansaço nas visas em casa” (38,3%). Concomitantemente, há a diminuição no ato de piscar os olhos, o que os deixa menos lubrificados e, portanto, mais fragilizados. Desse modo, percebe-se uma disfunção da acuidade visual por meio da chamada “Síndrome da Visão do Computador” (SÁ, 2016).

Destarte, com a convocação do ensino remoto, tais problemas se tornam ainda mais evidentes e mostra-se relevante o estudo das esferas envolvida nesse processo. Com isso, para se estudar os efeitos dessas mudanças, é necessário avaliar as consequências atuais e planejar o desenvolvimento de respostas paliativas e definitivas visando a amenização dessa problemática. Assim, tem-se uma forma de defender e resguardar a saúde desses profissionais. Logo, buscou-se, por meio dessa pesquisa, analisar a relação entre esses fatores e o processo saúde-doença da classe estudada no contexto da pandemia do COVID-19, visando a prevenção e a promoção de saúde no ambiente do magistério.

2 DESENVOLVIMENTO E METODOLOGIA

Este trabalho apresentou-se como uma pesquisa teórica de natureza exploratória e descritiva, resultado de um estudo literário do contexto da transição das aulas presenciais para o modo remoto e sua influência no já existente mal-estar docente, utilizando as bases de dados Scielo e PubMed. De modo complementar, a fim de estudar a perspectiva da classe que, de fato, passa pelos fenômenos estudados, aplicou-se um questionário, presencialmente e por meio da plataforma de Formulários do Google, para os professores que aceitaram fazer parte da pesquisa. Estes profissionais convidados a participar foram provenientes dos cursos de Medicina das IES Universidade Cesumar (Unicesumar –Campus Maringá –PR) e Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE –Campus Presidente Prudente –SP). Para a seleção foi utilizado como critério ter ministrado aulas no modelo

remoto emergencial de 2020 e no modelo presencial. Destes, 17 docentes trabalhavam exclusivamente na UNOESTE, enquanto 18 trabalhavam exclusivamente na UNICESUMAR, o restante mantinha vínculo empregatício com outras IES (Vide Gráfico 1).



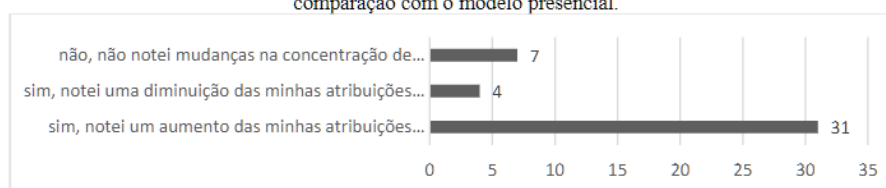
Fonte: Dados da pesquisa.

Os profissionais só responderam o questionário mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética da UniCesumar, CAAE número 50970321.0.0000.5539. O questionário contou com perguntas relacionadas a impactos da transição das aulas presenciais para o modo remoto em seu processo saúde-doença com variáveis sociais (escolaridade, etnia, estado civil e poder aquisitivo) e biológicas (sexo e idade), além de analisar também as características da nova dinâmica de trabalho impulsionada pelo isolamento social e as consequências dessas alterações. Diante disso, no que tange aos impactos de tal transição, a construção das perguntas do formulário foi criada a fim de explorar três esferas: impactos mentais (deterioração da saúde mental, como aumento da ansiedade, estresse e preocupação), impactos físicos (dores musculares, articulares e piora da visão) e impactos profissionais (mudança no próprio desempenho profissional, aumento de atribuições em comparação ao modo presencial e adaptação ao novo modelo). Os dados coletados foram planilhados em Microsoft Excel e os resultados expressos em porcentagem para posterior discussão.

3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS (RESULTADOS)

A pesquisa contou com 42 questionários válidos. No que tange à caracterização do público abordado, a maior parte dos docentes encaixava-se no espectro de 36 a 45 anos de idade, sendo a maioria do sexo feminino (69%). Quanto à etnia, mais de 80% se consideravam brancos, enquanto o restante se considerava como negro ou pardo. Em sua maioria (74%) casados, seguidos de divorciados (19%) e solteiros (7%). Em relação à formação acadêmica e profissional dos docentes, tem-se que 6 possuíam pós-doutorado, 12 possuíam doutorado, 18 haviam mestrado e 6 indivíduos apenas com graduação completa. Desse modo, a mediana do tempo estimulado de exercício da docência se encontra no intervalo de 11 a 15 anos de experiência. Complementarmente, a mediana da remuneração mensal bruta é de 4 a 10 salários-mínimos, considerando o salário-mínimo no valor de 2022. Destes, 40% (17) relataram ter tido diminuição de sua renda bruta pessoal no ano de 2020 em razão das consequências da pandemia do COVID-19, enquanto os outros 60% (25) afirmaram não terem tido sua renda afetada. Destarte, acerca dos impactos no processo saúde-doença oriundos da alteração das aulas do ensino presencial para o ensino remoto emergencial, vê-se que, embora 9,5% (4) do público questionado tenha respondido que notou uma diminuição de suas atribuições profissionais, 16,66% não notou alterações na concentração de atribuições profissionais e 73,8% dos estudados referiram que, de fato, perceberam um aumento de sua demanda de trabalho, assim como consta no Gráfico 2.

Gráfico 2: Aumento ou diminuição nas atribuições profissionais durante o modelo remoto emergencial em comparação com o modelo presencial.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse sentido, foi necessário que a figura do professor transcendesse os materiais comuns utilizados na sala de aula presencial e iminentemente se adaptasse aos recursos digitais. Quanto a esses recursos, foi pedido para ser estimado em uma escala de 0 a 10 o quão precisa era a sua habilidade com o uso de ferramentas como Google Meet, Zoom e Formulários do Google antes e depois do período do modelo remoto, sendo 0 (zero) nenhuma habilidade e 10 (dez) total conhecimento. Assim, obteve-se uma média aritmética de 3,3 (e moda de 0) para o conhecimento de tais plataformas antes do modelo remoto e uma

média aritmética de 8,19 (e moda 8) para depois do modelo remoto. O aumento dessa nota mostrou uma preparação maior para as novas dinâmicas de aulas, o que justifica o maior tempo de trabalho e a maior demanda de atribuições, uma vez que precisaram procurar novas ferramentas didáticas e cursos preparatórios.

Gráfico 3: Habilidade no uso de ferramentas eletrônicas didáticas, como o Google Meet, Zoom e Formulários do Google ANTES e DEPOIS do modelo presencial remoto emergencial.



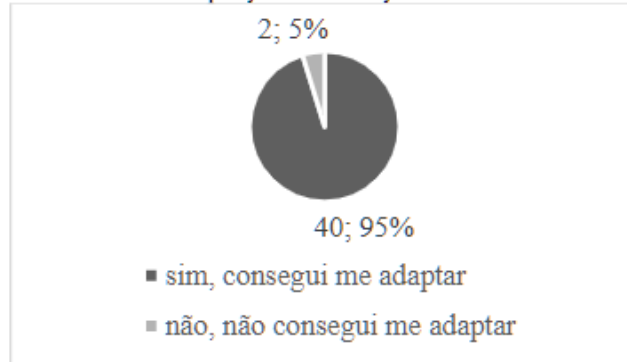
Fonte: Dados da pesquisa.

Ademais, foi analisado o processo sono-vigília, o qual destaca-se que 50% (21) dos indivíduos entrevistados relataram maior dificuldade para dormir em razão das novas demandas, enquanto apenas 9,5% (4) pontuaram terem tido mais sono que o usual, e o restante (17) afirmaram inalteração no sono. Convenientemente, aproximadamente 50% dos docentes referiram maior ansiedade (22), maior estresse (21) e maior preocupação (22), um provável curso da falta de sono adequado já mencionado. Ainda foram atestadas crises de esquecimento por 16,66% (7) e outras alterações de saúde mental inespecíficas por cerca de 21,5% (9) educadores. Em contrapartida, 9,52% (4) relataram ausência de alterações no que tange à saúde mental.

Não somente a saúde mental foi mensurada, mas também houve necessidade de avaliar a saúde física. Como resultado, verificou-se que apenas 38% (16) dos contatados obtiveram uma maior incidência de cefaleia, enquanto 62% (26) não notaram tal impacto. Sobre as dores musculares, foram ratificadas por 28 (66,66%), haja vista que o local de maior acometimento relatado por eles foi a coluna dorsal, uma provável causa seria o fato de ficar muito mais tempo sentado diante de computadores e notebooks. Sobre a acuidade visual, foi percebido deterioração, cansaço nas visões e pesos nos olhos por cerca de 55% (23) do público, um distúrbio advindo do tempo em frente às telas. Por conseguinte, 52,38% (22) dos docentes imputaram uma diminuição em seu desempenho profissional. Destes, 7,14% (3) consideraram-na uma grande redução em seu desempenho laboral. Em suma, 52,38% (22) dos analisados concluíram que houve um decaimento na qualidade de suas aulas, sendo que, dentre eles, 9,52% (4) consideraram-no um grande decaimento. Posto que 40,47% (17) não notaram declínio na qualidade de suas aulas e,

ainda, 7,14% (3) relatam que a qualidade do ensino aumentou. Por fim, obteve-se, então, que 95% (40) profissionais referem terem conseguido se adaptar ao modelo remoto emergencial, ainda que o considerem inferior quanto à produtividade, enquanto somente 5% (2) não afirmaram êxito na adaptação, vide gráfico 4.

Gráfico 4: Adaptação em relação ao novo remoto.



Fonte: Dados da pesquisa.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que o ensino remoto emergencial empregado em 2020 refletiu no aumento das demandas laborais no que tange à classe docente e, com isso, afetou-os nos pilares saúde mental e física e qualidade profissional. Desse modo, o mal-estar docente já existente é, mais uma vez, propulsionado direta (com impactos no processo saúde-doença) e indiretamente (por meio do desmantelamento da figura do professor, perversão de suas atribuições e ofícios, obrigando-o a se reinventar para cumprir as ininterruptas demandas sociais), uma vez que a identidade profissional do professor é construída por meio da significação social da profissão (PIMENTA, 2002). A partir desse resultado, espera-se que se estude propostas e sugestões que possam melhorar a qualidade de vida de tal grupo e minimizar os acometimentos em seu processo-saúde doença.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Estela M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia do COVID19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciênc. Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2423-2446, jun. 2020. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320202526.1.10502020>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BERNOTAITE, Lina; MALINAUSKIENE, Vilija. Workplace bullying and mental health among teachers in relation to psychosocial job characteristics and Burnout. *International Journal of Occupational Medicine And Environmental Health*, v. 4. n. 30, p. 629-640, 20 abr. 2017. Nofer Institute of Occupational Medicine. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13075/ijomeh.1896.00943>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ESTEVE, J. M. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

FU, X., ZHANG, K., CHEN, Z. (2019). *Blue Book of Mental Health: Report On National Mental Health Development in Chine (2017-2018)*. China: Social Sciences Academic Press.

GADELHA, A.B.; LIMA, RM.M.. LETTER TO THE EDITOR: Covid-19 quarantine in older people. *Journal of Frailty & Aging*, v. 9, n. 4, p. 244-245, jan. 2020. SERDI. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14283/jfa.2020.31>. Acesso em: 25 abr. 2021.

GUTERRES, Jayne Luana; SCHMLTT, Francielly da Silva; OLIVEIRA, Lucia Carolina, SIMON, Claudia Silva; LOPES, Anáila Rosário. Principais Queixas Relacionadas ao Uso Excessivo de Dispositivos Móveis. *Revista Pleiade*, v. 11, n. 21, p. 39-45, 2017. Disponível: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/artcile/view/333>. Acesso em: 25 abr. 2021.

OLIVEIRA JÚNIOR, Osvaldo Barreto. SIBILA, Paula. Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de

Janeiro, v. 20, n. 61, p. 543-546, jun. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1443-24782015206113>. Acesso em: 25 abr. 2021.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.) Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. SÁ, E.C. Síndrome da visão do computador e função visual em trabalhadores usuários de computador de um hospital público universitário de São Paulo: prevalência e fatores associados. Saúde, Ética & Justiça (e-ISSN 2317-2770), v. 21, n. 2, p. 72-73. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/134005>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SANCHEZ, Hugo Machado; GUSATTI, Natália; SANCHEZ, Eliane Gouveia de Moraes; BARBOSA, Maria Alves. Incidência de dor musculoesquelética em docentes do ensino superior. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 66-75, jan. 2013. Disponível em: <http://www.rbmt.org.br/detais/70/pt-BR/incidencia-de-dor-musculoesqueletica-em-docentes-doensino-superior>. Acesso em: 25 abr. 2021.